

Curso de Quenya

Helge Kåre Fauskanger
(*helge.fauskanger@nor.uib.no*)

Tradução
Gabriel "Tilion" Oliva Brum
(*tilion@terra.com.br*)

LIÇÃO CINCO

O Verbo: presente e concordância em número.

Sujeito/objeto.

A forma superlativa de adjetivos.

Como eu mencionei no início da lição anterior, o vocabulário de qualquer idioma pode ser separado em várias classes de palavras, ou “partes da língua”. Até agora tratamos explicitamente dos *substantivos*, que denotam coisas, e *adjetivos*, que são palavras usadas para descrever substantivos (lingüistas julgariam estas definições particularmente simplistas, mas elas servirão ao nosso propósito). Na verdade, já tocamos também em três outras partes da língua, sem discutí-las em profundidade. Como parte da Lição Dois, você (espero) memorizou a palavra **nu** “sob, embaixo”, que é uma *preposição*; preposições são pequenas palavras ou “partículas” como *sob, sobre, de, para, em*, etc., com frequência usadas para fornecer informação sobre relações espaciais (ex: “*sob a árvore*” = **nu i alda**), embora freqüentemente sejam usadas em contextos mais abstratos. Com a palavra **ar** “e” incluímos também a representante mais típica das *conjunções*, palavras usadas para conectar (ou, de fato, “unir”) outras palavras, expressões ou frases, ex: **Anar ar Isil** = “o sol e a lua”. Ainda assim, nenhuma discussão completa de preposições ou conjunções, como tal, parece necessária: em quenya elas parecem se comportar muito como suas equivalentes portuguesas; logo, na maioria das vezes, você simplesmente tem que aprender as palavras correspondentes em quenya.

Outra parte da língua na qual já tocamos é muito mais sofisticada e intrigante: o *verbo*. Encontramos um verbo na lição anterior: **ná** “é/está”, com sua forma plural **nar** “são/estão”. Pelo modo como os verbos se comportam, este não é muito emocionante; ele é usado simplesmente para coordenar um substantivo com algum tipo de predicado que nos diz o que o substantivo “é”: **aran ná taura**, “um rei é poderoso”, **tasar ná alda** “um salgueiro é uma árvore”. Como eu disse na lição anterior, o verbo de ligação **ná** realmente não fornece muita informação extra aqui, exceto ao esclarecer a relação entre os vários elementos da frase. A maioria dos outros verbos (na verdade, quase *todos* os outros verbos) é, entretanto, cheia de significados. Eles não nos dizem apenas o que alguém ou algo “é”, mas sim o que alguém ou algo *faz*. O verbo traz *ação* ao idioma.

Em uma frase como “o elfo dança”, é fácil identificar “dança” como o verbo da ação, nos dizendo o que está acontecendo aqui. E, sem dúvida, “dança” é uma forma do verbo português *dançar*. Este verbo também pode aparecer em outras formas; ao invés de “dança”, podemos dizer “dançou”, o que move a ação para o *passado*: “o elfo dançou.” Isto ilustra uma característica importante de verbos em idiomas europeus: a forma do verbo fornece informação sobre *quando* a ação indicada ocorre, no presente ou no passado. Alguns idiomas também possuem formas especiais de *futuro*. Tolkien construiu todas estas características no quenya.

As diferentes “formas temporais” do verbo são chamadas de *tempos*; falamos de tempo presente, tempo passado (pretérito) e tempo futuro. Trataremos apenas do presente nesta lição, e voltaremos aos outros mais tarde. (a trindade de presente, pretérito e futuro não representa uma lista completa de todos os tempos que existem. Trataremos de um total de cinco diferentes tempos neste curso, e eu ficaria muito surpreso se o material não publicado não descrevesse mais tempos além dos que conhecemos no momento.)

Aqui devo colocar um aviso: não possuímos muitas informações *explícitas* sobre o verbo em quenya. Na chamada Carta Plotz, que Tolkien escreveu para Dick Plotz em algum ponto nos meados dos anos sessenta, ele apresentou a declinação do substantivo. Aparentemente, informações similares sobre o verbo viriam a seguir; isto nunca foi feito. Isto é, certamente, muito lamentável. Não que Tolkien tenha levado esta informação para o túmulo; sabemos que ele escreveu sobre estes assuntos, mas os escritos relevantes não foram publicados. Por enquanto devemos, na maior parte, tentar compreender as regras gramaticais por nós mesmos se quisermos que nossos poemas em quenya possuam verbos. Com relação ao *presente*, alguns pedaços de informação felizmente apareceram em *Vinyar Tengwar* #41, de julho de 2000. Combinando esta informação com alguma dedução lingüística, provavelmente podemos decifrar as principais características do sistema que Tolkien tinha em mente.

Conforme aparecem em várias fontes, os verbos do quenya parecem se encaixar em duas categorias *principais* (embora haja alguns verbos em nosso corpus que também não se encaixem facilmente, mesmo se excluirmos o material mais primitivo em “quenya” onde algumas coisas realmente estranhas acontecem no sistema verbal). A primeira e maior categoria é a dos que podem ser chamados de *radicais A*, pois todos terminam em **-a**. Outro termo para a mesma é verbos *derivados*, pois estes verbos nunca representam uma “palavra raiz” primitiva evidente, mas são produzidos ao se *adicionar desinências* a esta raiz. As mais freqüentes destas desinências são **-ya** e **-ta**; com muito menos freqüência vemos **-na** ou apenas **-a**. Exemplos:

calya- “iluminar” (raiz *KAL*)

tulta- “invocar, mandar buscar/vir” (raiz *TUL*)

harna- “ferir” (raiz *SKAR*; o *sk-* inicial primitivo tornou-se **h-** em quenya)

mapa- “agarrar, segurar” (raiz *MAP*)

(Por convenção, ao se listar radicais verbais como tais, adiciona-se um hífen no final; Tolkien geralmente assim o fazia em seus escritos. O “radical” de um verbo é uma forma básica pela qual começamos para produzir outras formas, tais como tempos diferentes.)

Se estes radicais A podem ser chamados de “verbos derivados”, a outra categoria consiste dos verbos “não-derivados” ou *primários*. Estes são verbos que não apresentam desinências como **-ya**, **-ta**, **-na** ou **-a**. Os radicais verbais em questão podem ser chamados “primários” ou “básicos” uma vez que eles representam essencialmente uma raiz primitiva sem adições. Por exemplo, o verbo **mat-** “comer” vem diretamente da raiz *MAT-* de significado similar. **Tac-** “fixar, apertar” representa a raiz *TAK-* “fixar, amarrar”. **Tul-** “vir, chegar” pode ser identificado com a raiz *TUL-* “chegar, aproximar, avançar” (compare o verbo *derivado* **tulta-** “mandar buscar/vir, invocar, trazer” da mesma raiz, produzido por meio da desinência **-ta**). No caso das raízes *MEL-* “amar” e *SIR-* “fluir”, Tolkien sequer se incomodou em repetir as notas para os verbos do quenya **mel-** e **sir-** (ver LR: 372, 385).

Ao tratar dos verbos do quenya, às vezes precisamos nos referir à *vogal raiz*. Esta é a vogal da palavra raiz que fundamenta o verbo conforme ele aparece em quenya. No caso de verbos primários como **mel-** “amar”, certamente é fácil identificar a vogal raiz, já que o **e** é a única vogal que há (e, sem dúvida, esta também é a vogal da raiz embaixadora *MEL-*). No caso de verbos derivados como **pusta-** “parar” ou **ora-** “impelir”, as vogais da desinência adicionada (aqui **-ta** e **-a**) *não* contam como vogais raízes. **Pusta-**, por exemplo, é derivado de uma raiz *PUS*, e sua vogal raiz é, portanto, **u**, e não **a**. Na maior parte dos

casos, a vogal raiz é simplesmente a *primeira* vogal do verbo (mas, não necessariamente, pode haver algum elemento prefixado).

Com isto, temos os termos necessários identificados, e podemos finalmente começar a tratar da formação do presente. Antes de tudo, os verbos primários; o que parece ser o presente do verbo **mel-** “amar” é visto em LR: 61, com Elendil dizendo a seu filho Herendil: **Yonya inyë tye-méla**, “Eu também, meu filho, te *amo*”. Aqui temos o verbo descrevendo uma ação presente ou em andamento (neste caso, bem permanente). Outro exemplo de um verbo primário no presente pode aparentemente ser encontrado no próprio SdA, na famosa saudação **elen síla lúmenn’ omentielvo**, “uma estrela *brilha* [ou, *está brilhando*] sobre a hora do nosso encontro”. **Síla** parece ser o presente do verbo **sil-** “brilhar (com luz branca ou prateada)”, registrada no apêndice do *Silmarillion*. **Méla** e **síla** mostram a mesma relação com os simples radicais verbais **mel-** e **sil-**: as formas do presente são produzidas pelo *alongamento* da vogal raiz (isto é indicado ao se fornecer um acento, é claro) e pela *adição* da desinência **-a**. Esta conclusão é sustentada por um exemplo do VT41: 13: o verbo **quet-** “falar, dizer” lá aparece no presente **quéta** “está dizendo”.

Embora formas como **méla** e **síla** possam ocasionalmente ser traduzidas usando-se o tempo presente em português, tendo-se assim “ama” e “brilha”, parece que o presente do quenya indica propriamente uma ação *contínua* ou *progressiva* que é melhor traduzida usando a construção “está...-ndo” do português, como no exemplo **quéta** recém citado: isto é, “está dizendo” ao invés de apenas “diz”. A conclusão de que o presente do quenya indica propriamente ações *contínuas* também é sustentada por outra evidência: o presente em quenya do verbo primário **mat-** “comer” não é atestado em lugar algum no material publicado. Contudo, Tolkien afirmou que *mâtâ* era “o radical da forma contínua”, que poderia ser traduzida “está comendo” (VT39: 9; o *â* aqui indica um *a* longo, em quenya escrito **á**). Tolkien, na verdade, colocou um asterisco na frente de *mâtâ* para marcá-la como uma forma “não atestada”; logo, isto deve evidentemente ser considerado como élfico primitivo ao invés de quenya. Pode-se deduzir como o quenya evoluiu do idioma primitivo a partir de muitos outros exemplos, então sabemos que *mâtâ* apareceria como **máta**. Esta forma parece seguir o mesmo padrão de **méla**, **síla** e **quéta**: vogal raiz alongada e desinência **-a** (e olhando para trás, podemos deduzir que Tolkien pretendia que **méla**, **síla** e **quéta** viessem do élfico primitivo *mêlâ*, *sîlâ* e *kwêtâ*). Aparentemente, estas são todas formas “contínuas”; assim como a primitiva *mâtâ* “está comendo”, elas aparentemente enfatizam a natureza *progressiva* da ação: **síla** pode literalmente ser “está brilhando” ao invés de apenas “brilha”. Talvez o alongamento da vogal raiz simbolize de alguma forma esta ação progressiva. No caso de **méla** na frase **inyë tye-méla**, é mais natural traduzir “eu te amo” do que “eu estou amando você”, mas o último parece ser o significado mais literal.

Devemos então considerar a segunda e maior categoria de verbos, os radicais A. No caso deles, a informação do VT41 é de especial valor.

Parece que os radicais A formam seu presente de certo modo pela mesma regra dos verbos primários, mas a regra necessita de uma pequena “adaptação” para se encaixar à forma do verbo de radical A. Nosso único exemplo atestado é o verbo **ora-** “incitar” ou “impelir”. VT41: 13, 18 indica que seu presente é **órëa** (“está impelindo”). Como no caso dos verbos primários, a vogal raiz foi alongada e a desinência **-a** foi adicionada. Porém, há uma complicação: uma vez que o radical verbal **ora-** já termina em **-a**, esta vogal é *modificada para e*, de modo a evitar **a’s** em seqüência: o que seria **óra-a** manifesta-se como **órëa**.

Assim, devemos concluir que verbos como **mapa-** “agarrar, segurar” e **lala-** “rir” aparecem como **mápëa** e **lálëa** no presente.

Radicais A curtos, como **ora-** ou **mapa-** são, entretanto, de uma forma particularmente pouco comum, visto que eles adicionam apenas a vogal simples **-a** à raiz original. Como tratado acima, radicais A onde o **-a** final é apenas parte de uma desinência derivacional mais longa (com maior frequência **-ya** ou **-ta**) são muito mais comuns. Já citamos exemplos como **calya-** “iluminar” e **tulta-** “invocar” (raízes *KAL* e *TUL*). Tais radicais A “complexos” possuem um *encontro consonantal* após a vogal da raiz original, como **ly** e **lt** nesses exemplos. Não temos exemplos reais do presente de tal verbo. Se fôssemos aplicar o modelo que deduzimos existir a partir do exemplo **órëa** “está impelindo”, chegaríamos a formas como **?cályëa** “está iluminando” e **?túltëa** “está invocando”. Entretanto, parece haver uma regra fonológica em quenya proibindo uma vogal longa imediatamente em frente a um encontro consonantal. Tudo indica que uma palavra como **?túltëa** não pode existir (mas, francamente, não estou muito certo sobre **?cályëa**, já que **ly/ny/ry** algumas vezes parecem contar como consoantes palatalizadas unitárias ao invés de encontros consonantais). Carecendo de exemplos reais, só podemos supor que em tal caso o alongamento da vogal simplesmente seria abandonado, de modo que o presente de verbos como **calya-** e **tulta-** seria **calyëa**, **tultëa** (embora, como recém indiquei, **?cályëa** *pode* ser possível até onde sei). Isto é aplicável sempre que houver um encontro consonantal sucedendo a vogal do radical verbal. Outros exemplos são **lanta-** “cair”, **harna-** “ferir” e **pusta-** “parar”, que formariam todos – aparentemente – suas formas do presente em **-ëa**: **lantëa** “está caindo”, **harnëa** “está ferindo”, **pustëa** “está parando”.

Devemos supor que este sistema também se aplica onde há um *ditongo* no radical verbal, visto que, como uma vogal em frente de um encontro consonantal, um ditongo não pode ser alongado de maneira alguma. As formas no presente de verbos como **faina-** “emitir luz” ou **auta-** “passar” seriam presumivelmente **fainëa** e **autëa**.

Agora sabemos o suficiente para começar a construir frases simples:

- **Isil síla** “a lua está brilhando” (presente **síla** formado a partir do verbo primário **sil-** “brilhar”)
- **I Elda lálëa** “o elfo está rindo” (presente formado a partir do radical A curto **lala-** “rir”)
- **Lassë lantëa** “uma folha está caindo” (presente formado a partir do radical A complexo **lanta-** “cair”; não podemos ter ***lántëa** paralelamente a **lálëa** porque uma vogal longa não pode ocorrer na frente de um encontro consonantal)

NOTA: algumas das minhas deduções acima foram criticadas pelo editor do VT, Carl F. Hostetter. Ninguém discute o fato de que verbos primários formam seu tempo presente ou “contínuo” ao se alongar a vogal raiz e ao se adicionar **-a**, mas a noção de que radicais A possuem formas de presente em **-ëa** provou-se controversa. É claro, isto está baseado no único exemplo, **órëa** (de **ora-** “impelir”), e foi o próprio Hostetter que publicou esta forma e sugeriu que este é um exemplo do tempo presente/contínuo. Porém, é possível que a idéia de formas de presente em **-ëa** represente meramente uma variação de vida curta nas concepções evolutivas de Tolkien. Não modifiquei quaisquer dos exercícios abaixo, mas até sabermos mais sobre as intenções precisas de Tolkien, os escritores podem optar por evitar as formas de presente em **-ëa** em suas próprias composições. Como discutiremos mais tarde, há um modo de resolver essa incerteza específica.

O SUJEITO E O OBJETO

Alguns termos úteis podem ser incluídos aqui. Sempre que você inclui um verbo na frase, indicando algum tipo de *ação*, você geralmente deve dedicar outra parte da frase para contar quem está *praticando* esta ação. A parte que *faz* o que for que o verbo nos diga que está sendo feito, constitui o *sujeito* da frase. Em uma frase como **Isil síla** “a lua está brilhando”, é **Isil** “a lua” o sujeito, uma vez que é a lua que *executa* o brilhar que nos é dito pelo verbo **síla**. Em uma frase como **i Elda máta** “o elfo está comendo”, **i Elda** “o elfo” é o sujeito, uma vez que o elfo *pratica o ato de comer*.

Esta mesma frase, **i Elda máta**, tem possibilidades. Podemos adicionar mais um elemento, como o substantivo **massa** “pão”, e conseguir **i Elda máta massa** “o elfo está comendo pão”. Ora, qual é a função desta palavra adicionada? Ela é o “alvo” da ação verbal; neste caso, o que é *comido*. O alvo da ação verbal é chamado de *objeto*, a contraparte passiva do sujeito ativo: o sujeito *pratica* alguma coisa, mas o objeto é *ao qual* o sujeito *faz algo*. O sujeito “*sujeita*” o objeto a algum tipo de ação. Esta “ação” pode, é claro, ser muito menos dramática do que “*sujeito come objeto*” como no exemplo acima. Por exemplo, ela pode ser tão sutil como na frase “o sujeito *vê* o objeto” (preencha com outros verbos de sentidos se você quiser), onde a “ação” do sujeito não afeta fisicamente o objeto de modo algum. Este não é o ponto aqui. A idéia básica da dicotomia sujeito-objeto é simplesmente que o *sujeito* faz algo ao *objeto*, embora “faz algo ao” deva ser às vezes compreendido em um sentido mais amplo.

NOTA: Note, porém, que em frases com o verbo de ligação **ná/nar** “é/são”, como por exemplo **i alda ná tasar** “a árvore é um salgueiro”, **tasar** “um salgueiro” *não* conta como o objeto de **i alda** “a árvore”. **I alda** é o *sujeito*, claro, visto que este é o elemento que “pratica” o pouco de ação que há na frase: “a árvore *é*...”. Mas **tasar** “um salgueiro” não é o objeto, pois nessa frase “a árvore” não *faz* alguma coisa a “um salgueiro” – e a característica marcante do objeto é que alguma coisa é feita a ele. Ao invés de fazer algo ao salgueiro, a árvore *é* um salgueiro, e isto é completamente outra coisa: **tasar** é aqui o *predicado* de **i alda**, como vimos na lição anterior. Mas se substituirmos **ná** “é” por **máta** “está comendo”, voltamos para uma construção sujeito-verbo-objeto: **i alda máta tasar**, “a árvore está comendo um salgueiro”. Se você está desnecessariamente preocupado pelo fato disto soar um tanto absurdo, fique tranquilo, pois a *gramática* está perfeita.

No caso de alguns verbos, pode não haver objeto. No caso de (digamos) **lanta-** “cair”, você pode ter um sujeito e dizer **i Elda lantëa** “o elfo está caindo”. Aqui o sujeito não faz nada a um objeto; é apenas o próprio sujeito que está fazendo alguma coisa. Com um verbo como **mat-** “comer”, é um tanto opcional você preencher a frase com um objeto ou não: **i Elda máta (massa)**, “o elfo está comendo (pão)”; isto funciona como uma frase completa mesmo sem o objeto. Mas alguns verbos, por seu significado, *exigem* um objeto, e se sentiria a frase incompleta sem ele. Se dissermos **i Elda mápëa** “o elfo está agarrando”, isto apenas levanta a questão “o elfo está agarrando *o quê?*”, e devemos propor um objeto para tornar a frase completa.

Na Carta Plotz, Tolkien ressaltou que em uma variante de *quenya*, conhecida como *quenya livresco*, os substantivos teriam uma forma especial se funcionassem como objetos. Substantivos no singular que terminam em uma vogal teriam esta vogal alongada (por exemplo, **ciryá** “navio” tornaria-se **ciryá** se aparecesse como o objeto de uma frase), e substantivos que geralmente empregam a desinência de plural **-r** trocariam-na para **-i** (assim, “navios”, como objeto, seria **ciryai** ao invés de **ciryar**). Esta forma especial de

“objeto” (em termos lingüísticos, o *caso acusativo*) era supostamente usada em quenya (arcaico?) escrito. Contudo, este acusativo não aparece em quaisquer textos reais, tais como o *Namárië* ou mesmo a última versão do poema *Markirya*, que deve ser quase contemporâneo à carta Plotz. *Namárië*, cantado por Galadriel, supõe-se que talvez reflita o uso do quenya falado da Terceira Era. Seja qual for o caso, não uso o acusativo distinto nos exercícios que elaborei para este curso (ou em minhas próprias composições em quenya). Parece claro que o uso do acusativo era longe de ser universal, dentro ou não do contexto imaginário. Logo, eu diria **ciryar** para “navio(s)” mesmo se a palavra aparecesse como o objeto de uma frase.

CONCORDÂNCIA EM NÚMERO

Com os termos sujeito e objeto explicados, podemos tratar de outra característica do verbo em quenya. Assim como os adjetivos concordam em número com os substantivos que eles descrevem, *os verbos concordam em número com seus sujeitos*. Vamos dar uma melhor olhada na primeira linha do *Namárië*, **laurië lantar lassi** “como ouro caem as folhas”, ou literalmente “douradas caem [as] folhas”. Aqui o adjetivo **laurëa** “dourado” aparece na forma plural **laurië** para concordar em número com o substantivo no plural **lassi** “folhas”, como tratamos na lição anterior. Mas o verbo **lanta-** “cair” também deve concordar com seu sujeito no plural **lassi**. O verbo **lanta** então recebe a desinência **-r**. (O próprio verbo aparece no chamado *aoristo*, a ser tratado mais tarde; você pode pensar no aoristo **lantar** vs. o presente **lantëar** como correspondente ao português “caem” vs. “estão caindo”, respectivamente.) A desinência de plural **-r** nós já encontramos no caso dos substantivos, como em **Eldar** “elfos”, mas os substantivos também possuem plurais em **-i**, dependendo da sua forma. No caso de verbos, a desinência de plural **-r** parece ser universal, não importando como o verbo seja. A desinência **-r** não é restrita ao presente dos verbos, mas é aparentemente usada em todos os tempos, sempre que ocorre um sujeito no plural.

Basicamente já encontramos a desinência de plural verbal no verbo **nar** “são”, o plural de **ná** “é”. (Pode-se perguntar por que **ná** não se torna **?nár** com a vogal longa intacta. A última forma pode muito bem ser tornada válida, mas **nar** “são”, com um **a** curto, é pelo menos pouco propensa à confusão com o substantivo **nár** “chama”.)

Mais de um sujeito possui o mesmo efeito sobre o verbo como um (único) sujeito no plural, o verbo recebendo a desinência **-r** em ambos os casos:

I arani mátar “os reis estão comendo” (sing. **i aran máta** “o rei está comendo”)

I aran ar i tári mátar “o rei e a rainha estão comendo” (se você quiser que o verbo **mat-** “comer” apareça aqui na forma singular do presente **máta**, você deve se livrar ou do rei ou da rainha, para que haja apenas um sujeito)

Por outro lado, ele não possui efeito sobre o verbo se tivermos um *objeto* no plural ou objetos *múltiplos*; ex: **i aran máta massa ar apsa** “o rei está comendo pão e carne” (**apsa** “comida cozida, carne”). O verbo concorda em número apenas com o sujeito.

Tem-se geralmente admitido que o verbo possui apenas uma forma plural, a desinência **-r** sendo universal. Em outras palavras, o verbo recebe a desinência **-r** não apenas onde o substantivo sujeito aparece no plural “normal” (desinência **-r** ou **-i**), mas também onde ele é dual (desinência **-u** ou **-t**) ou aparece na forma do “plural partitivo” (desinência **-li**). Entretanto, não temos exemplos reais do quenya no estilo do SdA, e em

particular não rejeitarei a possibilidade de que possa haver uma forma *dual* especial do verbo para combinar com os sujeitos duais (desinência -t quanto a maioria dos substantivos, como **Aldu sílat** ao invés de **Aldu sílar** para “as Duas Árvores estão brilhando”???) O material publicado não permite uma conclusão exata sobre esta questão; logo, simplesmente evitarei sujeitos duais nos exercícios deste curso.

A última coisa que devemos considerar ao tratar do verbo é a questão da *ordem das palavras*. Onde na frase o verbo realmente se encaixa? Frases portuguesas geralmente listam o sujeito, o verbo e o objeto (se há algum objeto) nesta ordem. O leitor atento terá notado que a maioria das frases em quenya acima é organizada da mesma maneira. Esta parece ser a ordem das palavras *mais típica* na prosa do quenya. Exemplos de sujeito e verbo nesta ordem incluem **lassi lantar** “folhas caem” e **mornië caita** “escuridão se deita [sobre as ondas espumantes]” – ambas da versão em prosa do *Namárië*. Mas existem também exemplos do verbo sendo colocado antes; ex: o grito de Fingon antes da Nirnaeth Arnoediad: **Auta i lómë!**, literalmente “Passa a noite!”, mas traduzida “A noite está passando!” no *Silmarillion* cap. 20. De fato, ambos os exemplos citados acima da ordem sujeito-verbo, do *Namárië* prosaico, aparecem ao invés disso na ordem verbo-sujeito na versão poética no SdA: **lantar lassi, caita mornië**. Em português, colocar o verbo na frente é um modo de tornar um enunciado declarativo em uma pergunta; ex: “elfos são bonitos” vs. “são os elfos bonitos?”, mas este modo de formar perguntas evidentemente não funciona em quenya. (**Auta i lómë!** “passa a noite!” para “a noite está passando!” talvez seja um exemplo de estilo dramático ou fala afetuosa; a ação verbal é obviamente considerada mais importante do que o sujeito que a pratica. Desconfio que em um contexto menos dramático, diria-se **i lómë auta**.)

O *Namárië* também fornece um exemplo de uma frase com sujeito, verbo e objeto: **hísië untúpa Calaciryó míri**, “a névoa [*sujeito*] cobre [*verbo*] as jóias de Calaciryá [*esta expressão inteira sendo o objeto*]”. Todavia, a ordem das palavras é novamente bastante flexível, especialmente na poesia, como mostram outros exemplos do *Namárië*. Temos objeto-sujeito-verbo na frase **máryat Elentári ortanë**, literalmente “suas mãos (a) Rainha das Estrelas ergueu” (no SdA traduzido “a Rainha das Estrelas... ergueu suas mãos”). A frase **ilyë tier undulávë lumbulë**, literalmente “todos caminhos cobertos pelas trevas”, possui a ordem objeto-verbo-sujeito (no SdA, Tolkien usou a tradução “todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas”). Na versão em prosa do *Namárië*, Tolkien reorganizou interessantemente ambas as frases em construções sujeito-verbo-objeto: **Elentári ortanë máryat, lumbulë undulávë ilyë tier**. Esta é a nossa base principal para supor que esta é a ordem normal, preferida onde não há considerações poéticas ou dramáticas a serem feitas.

Em geral, deve-se ter cuidado ao se colocar o objeto antes do sujeito, pois isto pode em alguns casos causar confusão tal como que palavra é o objeto e qual é o sujeito (visto que a forma mais comum de quenya não mantém um caso acusativo distinto para indicar o objeto). Tais inversões são, entretanto, bastante admissíveis quando o sujeito é singular e o objeto é plural ou vice versa. Então o verbo, concordando em número apenas com o sujeito, o identificará indiretamente. Na frase **ilyë tier undulávë lumbulë** podemos claramente perceber que deve ser **lumbulë** “sombra, treva” e não **ilyë tier** “todos caminhos” o sujeito, porque o verbo **undulávë** não recebe a desinência -r para concordar com a palavra no plural **tier**. Assim, esta expressão não pode ser o sujeito – mas o substantivo singular **lumbulë** “sombra, treva” pode.

MAIS SOBRE ADJETIVOS

No português e em outros idiomas europeus, os adjetivos possuem formas especiais que são usadas para *comparação*. Em português, os adjetivos têm uma forma *comparativa* que é construída ao se adicionar as palavras **mais**, **tão** ou **menos** antes do adjetivo; eis as fórmulas dos três modos:

- mais + *adjetivo* + que (do) que [comparativo de superioridade].
- tão + *adjetivo* + como (ou quanto) [comparativo de igualdade].
- menos + *adjetivo* + (do) que [comparativo de inferioridade].

Os adjetivos também possuem uma forma *superlativa* que é construída das seguintes maneiras:

- intensificando a qualidade de um ser *em* relação a um conjunto de seres. Ex.: Ele é **o mais inteligente da classe**.
- intensificando a qualidade de um ser *sem* relação com outros seres. Pode ser feita de duas formas:
 - com o auxílio de palavras que dão idéia de intensidade (**muito**, **extremamente**...). Ex.: Ele é **muito** inteligente.
 - por meio do acréscimo de sufixos (**-íssimo**, **-rimo**, **-imo**). Ex.: Ele é **intelligentíssimo**.

Alguns adjetivos, porém, possuem formas especiais quando apresentados em certos modos de comparativo e superlativo. São eles: **bom**, **mau**, **grande** e **pequeno**, que se tornam **melhor**, **pior**, **maior** e **menor**, respectivamente. Essas formas especiais do comparativo e superlativo são obrigatórias, especialmente porque é assumida em uma única palavra a idéia de intensidade do adjetivo; exemplos:

Ele é **mais bom** como vendedor do que como dentista. [Inadequado]

Ele é **melhor** como vendedor do que como dentista. [Adequado]

Na primeira versão desta lição de quenya, publicada em dezembro de 2000, escrevi: “mas em se tratando do quenya, não há muito que podemos dizer. O material publicado não inclui absolutamente qualquer informação sobre formas comparativas; ainda nem temos uma palavra independente para ‘mais’.” Desde então, a situação felizmente mudou; durante 2001, um pouco mais de informação apareceu nos jornais *Tyalië Tyelelliéva* (#16) e *Vinyar Tengwar*. Agora conhecemos uma fórmula especial que é usada para comparação: “A é mais brilhante que B” pode ser expressa como “A **ná calima lá** B”, literalmente “A é brilhante além de B” (VT42: 32). Entretanto, a palavra **lá** possui outros significados fora “além”, e será mais prático tratar e praticar seu uso em comparação em uma lição posterior (“Os vários usos de *lá*”, Lição Dezoito).

Aqui iremos nos concentrar na forma *superlativa* dos adjetivos. É um tanto inquietante observar que, quando Tolkien estava fazendo uma tradução em quenya da Lítania de Loreto, ele interrompeu-a antes de traduzir a forma superlativa latina *purissima* “a mais pura” – como se ele mesmo não tivesse certeza de como traduzi-la (VT44: 19). Um pedacinho de informação tem estado disponível há muito tempo: em Letters: 278-279,

Tolkien explicou a forma adjetiva **ancalima**, que ocorre no SdA. Traduzindo-a como “excessivamente brilhante”, ele afirmou que isto é **calima** “brilhante” com o elemento **an-** adicionado, o último sendo um “prefixo superlativo ou intensivo”. Por esta razão, muitos escritores têm usado o prefixo **an-** como o equivalente da estrutura em português “**o(a) mais** [adjetivo] **de/do(s)/da(s)** [substantivo]”, para construir a forma superlativa de adjetivos – ex: **anvanya** “o(a) mais belo(a)” de **vanya** “belo, lindo” (mas deve ser entendido que **ancalima** permanece como nosso único exemplo *atestado* de **an-** usado neste sentido).

Pode-se perguntar se a forma que é criada ao se prefixar **an-** é realmente a equivalente de um superlativo em português, isto é, uma forma de adjetivo que implica ter a maior parte da propriedade envolvida *em comparação com certas outras*. Pode-se notar que Tolkien traduziu **ancalima** não como “o(a) mais brilhante”, mas sim como “excessivamente brilhante”. Ao descrever **an-** como um “prefixo superlativo ou intensivo”, ele quase parece querer dizer “prefixo superlativo *ou mais exatamente* intensivo”. Logo, talvez **an-** signifique “muito, excessivamente” ao invés de “o(a) mais” em comparação com outros. Observa-se, porém, que o contexto no qual a palavra se encontra parece indicar uma certa quantidade de “comparação”: no SdA, **ancalima** ocorre como parte do grito de Frodo na toca de Laracna (volume 2, Livro Quatro, capítulo IX): **Aiya Eärendil Elenion Ancalima**. Nenhuma tradução é dada no próprio SdA, mas Tolkien afirmou posteriormente que isto significa “salve Eärendil, a mais brilhante das estrelas” (Letters: 385). Na mitologia de Tolkien, Eärendil, carregando a reluzente Silmaril, foi colocado nos céus como a mais brilhante das estrelas. Logo, aqui o significado parece ser o de um superlativo genuíno, “a mais brilhante” no sentido completo de “mais brilhante do que todas as outras”. De qualquer modo, nenhuma outra informação sobre como formar o superlativo aparece nas obras publicadas, então não temos outra opção a não ser usar esta formação. Devemos, entretanto, estar preparados, pois publicações futuras podem fornecer mais informações sobre isto, envolvendo formações alternativas do superlativo.

O prefixo **an-** nesta forma não pode ser mecanicamente prefixado a *qualquer* adjetivo do quenya, ou apareceriam algumas vezes encontros consonantais que o quenya não permite. **An-** pode ser prefixado “assim como está” a adjetivos começando por uma vogal ou por **c-**, **n-**, **qu-**, **t-**, **v-**, **w-**, e **y-**:

an + **alta** “grande (em tamanho)” = **analta** “o(a) maior”

an + **calima** “brilhante” = **ancalima** “o(a) mais brilhante” (nosso único exemplo atestado!)

an + **norna** “rígido” = **annorna** “o(a) mais rígido(a)”

an + **quanta** “completo” = **anquanta** “o(a) mais completo(a)”

an + **vanya** “belo, lindo” = **anvanya** “o(a) mais belo(a)/lindo(a)”

an + **wenya** “verde” = **anwenya** “o(a) mais verde”

an + **yára** “velho” = **anyára** “o(a) mais velho(a)”

Talvez também possamos incluir adjetivos em **f-** e **h-** (sem exemplos):

an + **fána** “branco” = ?**anfána** “o(a) mais branco(a)”

an + **halla** “alto” = ?**anhalla** “o(a) mais alto(a)”

O que aconteceria em outros casos não podemos dizer com certeza. Ou uma vogal extra (provavelmente **e** ou **a**) seria inserida entre o prefixo e o adjetivo para romper o que seria, de outro modo, um encontro impossível, ou o **-n** final do prefixo mudaria, tornando-se mais parecido (ou completamente parecido) com a primeira consoante do adjetivo. Tal *assimilação* é observada em outra parte no nosso corpus, de modo que esta também tem que ser nossa teoria favorita acerca do comportamento do **an-**. Antes da consoante **p-**, o **n** de **an** é pronunciado provavelmente com os lábios unidos, porque a pronúncia do **p** envolve tal união; assim, o **n** se torna **m**. De **pitya** “pequeno” teríamos assim **ampitya** para “o(a) menor”, esta sendo a palavra impossível **anpitya** remanejada em uma forma admissível (o quenya não possui **np**, mas o encontro **mp** é freqüente mesmo em palavras unitárias).

Antes das consoantes **l-**, **r-**, **s-**, e **m-**, o **n** final de **an-** provavelmente seria completamente assimilado, isto é, se tornaria idêntico à consoante seguinte:

an + lauca “aquecido” = **allauca** “o(a) mais aquecido(a)”

an + ringa “frio” = **arringa** “o(a) mais frio(a)”

an + sarda “duro” = **assarda** “o(a) mais duro(a)”

an + moina “querido, caro” = **ammoina** “o(a) mais querido(a)/caro(a)”

Cf. assimilações confirmadas tais como **nl** tornando-se **ll** na palavra composta **Númellothë** “Flor do Oeste” (CI: 477, claramente uma aglutinação das palavras bem conhecidas **númen** “oeste” e **lothë** “flor”). Quanto ao grupo **nm** se tornar **mm**, este desenvolvimento é visto no nome do elfo vanyarin **Elemmírë**, mencionado no *Silmarillion*: seu nome aparentemente significa “Jóia Estelar” (**elen** “estrela” + **mírë** “jóia”).

Sumário da Lição Cinco: duas categorias principais de verbos do quenya são os verbos *primários*, que representam uma raiz primitiva sem adições, e os *radicais A*, que adicionam uma desinência incluindo a vogal **a** à raiz original (às vezes o **-a** sozinho, mas geralmente alguma desinência mais longa como **-ya** ou **-ta**). Os verbos primários formam seu presente ao se alongar a vogal raiz e ao se adicionar **-a**; ex: **síla** “está brilhando” a partir de **sil-** “brilhar”. Os radicais A formam seu presente de certa forma pela mesma regra, mas quando a desinência **-a** é adicionada a tal radical (já terminando em **-a**), o que seria **-aa** é mudado para **-ëa**. No nosso único exemplo atestado do presente de um radical A, **órëa** a partir de **ora-** “impelir”, a vogal raiz foi alongada. Contudo, até onde compreendemos a fonologia do quenya, uma vogal longa não pode ocorrer normalmente na frente de um encontro consonantal, e a maioria dos radicais A possui um encontro consonantal sucedendo a vogal raiz (ex: **lantá-** “cair”, **hilya-** “seguir”). Presumivelmente, tais verbos formariam seu presente em **-ëa**, mas a vogal raiz permaneceria curta. Apenas os (relativamente poucos) radicais A que *não* possuem um encontro consonantal sucedendo a vogal raiz podem alongá-la no tempo presente. (NOTA: algumas pessoas consideram todas as formas de presente em **-ëa** especulativas, e os estudantes devem compreender que, dada a escassez de material de fonte, novas publicações podem alterar significativamente o cenário. O uso de tais formas nos exercícios abaixo deve ser considerado reconstrução ou extrapolação tentativa, e não necessariamente “fato de Tolkien”.) – Um verbo concorda com seu sujeito em *número*, recebendo a desinência **-r** se o sujeito está no plural: **elen síla** “uma estrela está brilhando”, **eleni sílar** “estrelas estão brilhando”.

Uma forma *superlativa* de adjetivos pode ser produzida ao se adicionar o prefixo **an-**, como em **ancalima** “o(a) mais brilhante” de **calima** “brilhante”. Devemos, porém,

supor que o **n** deste prefixo é em muitos casos assimilado à primeira consoante do adjetivo, ou encontros consonantais que a fonologia do quenya não permite surgirem. Por exemplo, **an-** + **lauca** “aquecido” pode produzir **allauca** para “o(a) mais aquecido(a)” (***anlauca** sendo uma palavra impossível).

VOCABULÁRIO

canta “quatro”

Nauco “anão”

parma “livro”

tiuca “grosso, gordo”

mapa- verbo “agarrar, segurar”

tir- verbo “observar, vigiar, guardar”

lala- verbo “rir” (de acordo com uma fonte tardia, PM: 359; em material primitivo o verbo **lala-**, de uma derivação bem diferente, tem o significado de “negar”: ver a entrada *LA* no *Etimologias*. Não precisamos discutir se um torna o outro obsoleto; aqui usaremos **lala-** para “rir” somente.)

caita- verbo “deitar”

tulta- verbo “invocar, mandar buscar/vir”

linda- verbo “cantar” (cf. a palavra **Ainulindalë** ou “Música [lit. Canto] dos Ainur”)

mat- verbo “comer”

cenda- verbo “ler”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. **I nís lálëa.**

B. **I antiuca Nauco máta.**

C. **I tári tíra i aran.**

D. **I analta oron ná taura.**

E. **I nér tultëa i anvanya vendë.**

F. **I aiwë lindëa.**

G. **I Naucor mápëar i canta Eldar.**

H. **I antaura aran ná saila.**

2. Traduza para o quenya:

I. A mulher está observando o maior navio.

J. Os homens mais maus estão mortos.

K. O elfo está segurando o livro.

L. Quatro homens estão deitados sob uma árvore.

M. O elfo mais sábio está lendo o livro. (*cuidado*: o que provavelmente acontece ao prefixo superlativo quando ele é adicionado a uma palavra como **saila** “sábio”?)

N. O rei e a rainha estão lendo o livro.

O. Os pássaros estão cantando.

P. Os quatro anões estão observando um pássaro.